

Cotidiano e visualidades: quando as imagens invadem a escola

Halbertina Roecker Wiggers[1]
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Marcelo Feldhaus[2]
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Resumo: Todos os dias somos bombardeados por imagens que carregam significados e interpretações, originando um complexo fenômeno contemporâneo. Criam-se modos de ver, pensar e agir que adentram os mais diferentes espaços, incluindo os da escola, onde o trabalho dos professores passa a se tornar movediço, principalmente para a educação em arte. Assim, esta pesquisa surge com o intuito de perceber como as visualidades do cotidiano atuam na formação do entendimento sobre arte e de que forma a escola pode contribuir para esta formação, tendo procedimentos próximos à pesquisa narrativa, partindo de histórias vividas e que ultrapassam esquemas fechados e quantificáveis, onde se tornou possível perceber que a escola e o ensino de arte atuam como potencialidades para a mudança de olhares impostos.

Palavras-chave: Ensino de arte; Visualidades; Cotidiano.

Daily life and visuals: when images invade the school

Abstract: Every day we are bombarded by images that carry meanings and interpretations, originating a complex contemporary phenomenon. We create ways of seeing, thinking and acting that penetrate the most different spaces, including the school, where the work of a teacher starts to be unstable, mainly for the education in art. Thus, this research aims at comprehending how the visualities of daily life act in the formation of the understanding about art and how the school can contribute for this formation, having procedures close to the narrative research, starting from background stories and that surpass the closed and quantifiable schemes, in the sense that it is possible to see the school and the teaching of art as potentialities for the change in stablished ways of seeing.

Key words: Art teaching; Visualities; Daily life.

Imagens, cultura visual e o caminho traçado para a pesquisa

Diariamente somos bombardeados por imagens que carregam consigo uma gama de significados e interpretações que influenciam a imaginação das pessoas e tornam-se capazes de afetar diferentes grupos sociais das formas mais diversas

[1] Graduada em Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Pós graduada em Arte Educação, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Pós graduanda do curso de Teoria e História da Arte, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Professora da rede Municipal de Ensino da cidade de Rio Fortuna/SC e professora da rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Email: tina_rf@hotmail.com

[2] Coautor, orientador da pesquisa. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa em Arte, Linguagem e Currículo. Mestre em Educação pela Unesc e graduado em Artes Visuais Licenciatura pela mesma instituição. E-mail: profmarcelo@unesc.net

WIGGERS, Halbertina Roecker; FELDHAUS, Marcelo. Cotidiano e visualidades: quando as imagens invadem a escola. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.63-80, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.

possíveis. Elas configuram identidades coletivas e/ou individuais, modos de ver, pensar e agir, assim como têm o poder de produzir e interpretar significados (MARTINS; TOURINHO, 2010), estabelecendo posições de sujeitos, homogeneizando pensamentos. Contudo, para Pereira (2010, p. 24), elas se tornam "[...] relevantes para a construção de nossas subjetividades, não apenas por sua onipresença, mas pelo seu poder de persuasão ao se vincularem a práticas culturais [...]", fazendo parte de toda e qualquer sociedade contemporânea, adentrando os mais diferentes espaços, criando verdades absolutas e inquestionáveis.

Diante da percepção relacionada à força das imagens sobre nós, na construção de sentidos e significados para o mundo em que vivemos por meio das visualidades do cotidiano, é que surge esta pesquisa. Fomentada a partir da realidade em que nos relacionamos, ela busca perceber como as visualidades do cotidiano atuam na formação do entendimento sobre arte e de que forma a escola pode contribuir para esta formação, sendo alimentada por indagações que nos cercam, mas que, ao mesmo tempo, alimentarão atividades de ensino, pois, como professores, percebemos que "[...] a necessidade de pesquisar no exercício da docência é constante [...]" (ZANELLA, 2013, p. 55) e necessária para fazer valer nossas percepções diante dos acontecimentos do dia a dia.

Toda e qualquer pesquisa se inicia a partir de questionamentos que cercam o pesquisador. Inquietações e indagações nortearão o caminho traçado por ele. Desta maneira, a interrogação que move nossa caminhada, neste momento, gira em torno de perceber como as visualidades presentes em nosso cotidiano podem afetar e formar nosso entendimento sobre arte e de que maneira o ensino da arte se relaciona com isso? - sendo ela "[...] condição fundamental para o processo de pesquisar [...]" (ZANELLA, (2013, p. 52). Assim, o processo de pesquisar se torna o grande responsável por agregar validade científica àquilo que passa a ser percebido pelo pesquisador, principalmente quando a pesquisa adentra o campo das artes e passa a considerar e explorar o sensível e o subjetivo, com base em conceitos estudados e percepções acerca do objeto de estudo.

Este artigo faz conexão com a pesquisa bibliográfica, possuindo caráter qualitativo na forma de abordagem do problema, já que procura trabalhar com aspectos subjetivos, intrínsecos ao sujeito contemporâneo, adentrando e



atravessando questões por meio de percepções sensíveis, que não podem ser quantificáveis.

A abordagem dos seus objetivos é exploratória, sendo que seus procedimentos possibilitam uma identificação muito próxima com a pesquisa narrativa.

> Partindo da compreensão de *experiência* como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis. (MARIANI; MATOS, p. 663, 2012).

Mostra-se como uma possibilidade que engloba as experiências vivenciadas por nós em duas pesquisas anteriores, que passaram a impulsionar esta escrita por suas constatações. Ela ainda possibilita ampliação do olhar para o campo da educação, estabelecendo relações possíveis com o ensino da arte, a formação do olhar artístico e as visualidades do nosso cotidiano. Sai da esfera da opinião e entra no campo do conhecimento (CHARLOT, 2006), a partir do momento que passa a apresentar possíveis relações entre eles, sendo que "[...] a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a *relação* – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados." (MARIANI; MATOS, p. 665, 2012).

A importância destas relações é crucial para esta pesquisa, que busca nas experiências vividas com as artes apontar uma possibilidade que se pode enxergar, ou não, através das potencialidades agregadas à escola/educação. Porém, para que seus objetivos sejam alcançados, dentro destas dimensões – arte e educação - "[...] se faz importante não se conformar com o que os nossos olhos veem, mas sim dilatar suas possibilidades, confrontar a rigidez do músculo ocular, esgarçar a abertura enrijecida que seleciona as luzes, ângulos, dimensões [...]" (ZANELLA, 2013, p. 56), olhando e percebendo a realidade de forma diferenciada, com olhares atentos às possibilidades que se apresentam e entrecruzam conosco dia após dia, nos mais diferentes espaços e das mais variadas formas.

Sem escolher um destino, a influência das imagens afeta modos de vida e adentra o campo artístico de forma avassaladora, criando estereótipos que podem, ou não, adentrar e contaminar nosso olhar para as artes. Muitas vezes, por trabalhar com visualidades, as imagens das artes passam a ser confundidas e não



identificadas em nosso dia a dia como tal, desencadeando uma gama de interpretações, podemos dizer, superficiais quanto a elas, pois, segundo Lampert (2015, p. 258)

> [...] imagens da publicidade, cinema, design, moda, televisão e Internet se aproximam do campo visual da Arte, abarcando todas as formas do ver, de mostrar e de ser visto, com isto não se outorgaria sentido de diferença entre o que é arte ou não arte, pois entendemos deste ponto de partida a arte como produção cultural.

Estas interpretações acarretam uma série de consequências para aquilo que passa a ser considerado como arte pelo senso comum, já que as imagens artísticas contemporâneas passam a estar muito próximas do nosso cotidiano. Porém, o fato de as imagens da arte sofrerem com interpretações superficiais não é algo recente, mas que resiste como uma ideia formada, e mantida, por muitos anos, convivendo conosco de maneira quase indissociável à ideia de beleza. De acordo com Schmidlin (2006, p. 3)

> O conceito de arte e de artista está fixado, segundo Favaretto, na tradição romântica, que identifica obra como obra-prima, ou seja, uma obra sacralizada, que revela um conceito específico de beleza. Nela, estão incluídas categorias como harmonia, perfeição, acabamento e unicidade.

Esta concepção de arte, que se aproxima da perfeição, passou a ser um conceito fixado na cabeça das pessoas com os gregos e romanos e a busca pela beleza ideal, sendo retomada pelos artistas renascentistas e espalhadas pelo mundo todo como uma das maiores correntes artísticas já existentes. A partir de então, se criou um estereótipo artístico que prevalece até os dias atuais, a associação daquilo que é belo fisicamente com o conceito de arte, onde tudo que agrada ao olhar passa a ser visto como tal pelo senso comum. Umberto Eco define o belo como “[...] um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada” (2004, p.8). Porém, aquilo que passa a agradar nosso olhar, muitas vezes, não passa de ideias e conceitos estereotipados que jamais foram questionados, se tornando relativo se passarmos a considerar os gostos, hábitos e costumes de determinados grupos sociais. Devido a esta questão, pesquisas recentes vêm chamando a atenção e se tornando importantes fontes de produção de conhecimento, os Estudos da Cultura Visual (ECV).

WIGGERS, Halbertina Roecker; FELDHAUS, Marcelo. Cotidiano e visualidades: quando as imagens invadem a escola. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.63-80, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



A cultura visual surge como um campo de estudos contemporâneos e passa a abordar e trabalhar sobre as visualidades do dia a dia, sua influência. Ela age sobre construções de significados que fogem ao nosso olhar, trazendo abordagens sobre aspectos muito próximos de nós e que fomentam nossa existência. Segundo Pereira (2010, p. 216), ela

> [...] evoca a emergência da discussão da centralidade das imagens como mediadoras de nossas relações sociais, nossas identidades e subjetividades, bem como o efeito delas enquanto práticas de representação na constituição de novas formas de poder, saber e controle.

Trabalhando na linha da percepção do inconsciente, a cultura visual irá discutir o poder das imagens sobre nosso subjetivo, como esta nos afeta sem que ao menos percebamos, criando um circuito homogeneizante e padronizado ao qual nos submetemos o tempo todo, intencionalmente ou não, e do qual não temos como fugir. Por isso, a atuação da cultura visual virá em torno da necessidade de se ter a compreensão sobre como as imagens influem em nossos pensamentos, ações e sentimentos, refletindo sobre as identidades e contextos sócio-históricos (HERNÁNDEZ, 2007) formados a partir de sua influência sobre nós, como é o caso do conceito de arte.

De acordo com Pereira, sua preocupação “[...] é investigar, do ponto de vista do consumidor cultural, como se constrói, projetam e se desenham, socialmente, significados para as imagens.” (2010, p. 209), bem como a construção de sentidos e representações das visualidades em meio a diferentes grupos sociais que seguem, rigorosamente, regimes de verdades projetadas nos mais diversos segmentos da sociedade. Contudo, nada disso é por acaso, “[...] as representações dos estereótipos fazem parte de uma tática bastante coerente de manutenção da ordem dominante que intenta universalizar, fixar e homogeneizar os significados para as identidades.” (PEREIRA, 2010, p. 213). A regra passa a ser, intencionalmente, a manutenção da ordem, anulando percepções para que nada saia do controle constituído, o que não acontece na arte contemporânea. Sua aceitação é frequentemente questionada e, segundo Cunha (2012), passa a se tornar difícil sua compreensão, já que uma de suas principais intenções é desacomodar o pensamento ao invés de proporcionar estesia, sendo o que, normalmente, mais se

WIGGERS, Halbertina Roecker; FELDHAUS, Marcelo. Cotidiano e visualidades: quando as imagens invadem a escola. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.63-80, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.



procura encontrar, quando se pensa no contato com as obras de arte. A arte contemporânea vai na contramão destas ideias e busca, incontrolavelmente, a quebra de paradigmas e alteração de estruturas sacralizadas como arte (CAUQUELIN, 2005), passando a desestabilizar padrões estéticos estabelecidos e a criação de estereótipos artísticos, o que muitas vezes passa a desestabilizar a compreensão sobre a mesma, criando conflitos entre modos de se ver e pensar a arte.

Percepções decorrentes de trajetórias em meio às artes

Os estereótipos atuam sobre nós lado a lado com as visualidades do cotidiano. Cercam-nos, sem que ao menos percebamos, e "[...] seu efeito de verdade é fixador, homogeneizante, contínuo, repetitivo e estabilizador [...]" (PEREIRA, 2010, p. 213). Muitas vezes, não nos dão chances para escolha e nem querem que esta seja feita, condicionando uma cadeia de ações e pensamentos que afetam drasticamente a construção de sentidos no mundo que vivemos. Porém, segundo o autor, "Do ponto de vista da educação para a cultura visual, é necessário estar constantemente discutindo o que os estereótipos pretendem desenhar para as posições que os sujeitos ocupam social e culturalmente." (2010, p. 213). O que passa a ser importante para compreender que tudo aquilo que nos cerca não possui um significado sacralizado como tal, mas que é construído por meio de sistemas de representações (HERNÁNDEZ, 2007) que afetam muito mais que apenas nosso olhar sobre o cotidiano, as imagens e informações que nos são expostas todos os dias. Afetam também o olhar para outros campos, especialmente aqueles que trabalham também com imagens. Assim, o campo das artes passa a ser comprometido por ideias estereotipadas e preconceituosas em relação a ele, sendo necessário e urgente a desconstrução de formas de pensar e agir perante as artes.

Este anseio e a busca pela quebra de paradigmas artísticos, decorrentes ou não das visualidades cotidianas, bem como a desconstrução de pensamentos preestabelecidos e voltados ao campo das artes, passam a mover pensamentos em toda a trajetória com as artes. As experiências oriundas de uma primeira formação – Bacharel em Artes Visuais – foram, posteriormente, complementadas com uma



segunda caminhada em meio ao ensino das artes, por perceber que muitas questões presentes no sujeito contemporâneo têm seus primeiros desdobramentos na escola, carregando-os por toda a vida, já que o contato com a arte, para muitos, se restringe a ambientes escolares.

Em ambas as trajetórias, a busca foi por perceber como as imagens, a cultura e as visualidades passam a atuar sobre a formação de conceitos de arte de pessoas de duas localidades – nas quais moramos e lecionamos – percebendo, também, como passam a identificar a arte em seu cotidiano. Tornou-se bastante evidente, com a primeira pesquisa, ainda no Curso de Artes Visuais – Bacharelado, que pessoas de nosso convívio possuíam conceitos e preconceitos relacionados às artes, principalmente quando se adentrava o campo artístico contemporâneo, e que possuíam resistência a mudanças, a pensar e observar este campo de outra maneira, como um campo de experiências. Procurou-se, então, compreender o porquê de determinadas questões serem levantadas por estas pessoas, mas principalmente a frequente ligação que faziam entre o que era arte e o que passava a ser considerado como esteticamente belo chamaram atenção. Neste momento, entendeu-se a existência e influência de um estereótipo comum ao mundo das artes, a comparação entre o que é arte e a beleza aos olhos do senso comum, deixando evidente a construção de um pensamento padronizado no qual se associa e atrela uma coisa à outra. Isto desestabilizou pensamentos e fez com que a caminhada não se encerrasse por aí, fez com que ela tivesse continuidade.

Percebendo a precariedade na formação visual destas pessoas, juntamente com a afirmação de contatos pouco expressivos com arte durante o período em que cursavam a educação básica, uma caminhada com o ensino das artes é iniciada por perceber fragilidade, porém uma possível potencialidade, para a mudança de olhares, formas de pensar e agir a respeito da arte, passando a explorá-la de forma diferenciada, tornando-se capaz de expandir olhares para além dos padrões estabelecidos há muito tempo, mas que são fortemente marcados até os dias de hoje.

Desta forma, com a segunda pesquisa de conclusão de curso, em Artes Visuais – Licenciatura, o olhar se voltou para a cultura local e a tentativa de fazer com que alunos – na época – pudessem perceber e reconhecer em seu cotidiano



potencialidade para a criação artística, compreendendo assim que a arte os cerca de maneira diferenciada e não somente por simbolismos construídos socialmente. Desta forma, tornou-se evidente a necessidade de uma mudança urgente, tanto de posicionamento como de formação de olhares para as artes em meio ao contexto contemporâneo, onde tudo pode ser tomado como referência para a produção artística, podendo passar a ser visto como arte, causando a inversão de papéis.

Adentrando os campos da escola e do ensino de artes

Como educadores, temos o dever de expandir o pensamento de nossos alunos para as artes, quando se torna necessário refletir sobre a forma como tratamos a arte perante os espaços escolares, já que ficou nítida a importância da escola para a formação do conceito de arte que levamos para o longo da vida. Porém, é necessário redefinir a função da escola para poder compreender e utilizar os saberes que dão sentido ao mundo em que vivemos. É preciso uma nova narrativa educacional que leve em conta as prioridades dos alunos e do mundo contemporâneo, a partir de uma perspectiva de reconstrução das referências culturais e das maneiras de crianças, jovens e adultos olharem e olharem-se (HERNÁNDEZ, 2007), potencializando a função da escola e o papel da arte na educação.

Porém, de acordo com Charlot (2006, p. 15)

> [...] só o aluno pode fazer aquilo que produz conhecimento, e o professor só pode fazer alguma coisa para que o aluno o faça. Evidentemente, sempre com um coeficiente de incerteza. Nesse sentido, o trabalho do professor não é ensinar, é fazer algo para que o aluno aprenda. Com freqüência, esse "algo" consistirá em ensinar; outras vezes, pode tomar uma outra forma.

Deste modo, torna-se de suma importância a reflexão sobre a ação de ensinar e sobre como isso refletirá nas ações de nossos alunos, como uma devolutiva. Se eles não interiorizam o que lhes foi proposto vivenciar, de alguma forma, aquilo pouco os mobilizou, não sendo significativo, pois está muito longe das suas referências culturais. É necessário trazê-las para dentro da sala de aula,



entrecruzando com as propostas dos professores, a fim de mobilizá-los intelectualmente. Não existem receitas prontas, porém caminhos podem ser definidos a partir do que se torna próximo de sua realidade e experiências, construindo e desconstruindo conhecimentos impostos.

O ensino da arte mostra-se como uma potencialidade para esta desconstrução, porém precisa lutar diariamente contra ideias estereotipadas a respeito de sua importância para compreensão crítica da realidade e construção de conhecimento. Dentro e fora da escola, por muitas vezes, é concebido como uma disciplina que trata especificamente de fazeres manuais, vista como um saber informal ou como uma habilidade que nasce com poucas pessoas, um "dom", passando a não ter o mesmo peso que demais disciplinas aos olhares de muitos. Por ser considerada como tal, passa a não ser reconhecida como um "[...] campo de conhecimentos organizados que pode ajudar-nos a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos." (HERNÁNDEZ, 2000, p. 39), criando-se preconceitos até mesmo dentro dos ambientes escolares, sendo vista como uma necessidade para suprir lacunas em datas comemorativas e apresentações escolares, com o único propósito de agradar os olhares da sociedade. Contudo, até mesmos profissionais da área fazem com que este pensamento se forme e difunda-se perante estes espaços.

Práticas comodistas são adotadas e o caminho mais fácil é escolhido para caminhada de muitos educadores que trabalham com as artes. Eisner, Charréu (2015, p. 172) fala que "[...] nós tendemos a fazer coisas que sabemos como prever e controlar. Abrir-se para incerteza não é uma qualidade penetrante do nosso ambiente educacional corrente [...].". Tendemos a optar por traçar caminhos que sabemos aonde nos levarão. Os obstáculos são desviados e as incertezas deixadas de lado, a zona de conforto não é quebrada e improvisam-se metodologias para preencher o espaço da disciplina no currículo escolar. Hernández (2000, p. 87) nos fala sobre as condições que são postas por professores para visibilidade da disciplina, sejam da área ou colegas de trabalho, onde "Na maioria de nossas escolas, os professores continuam reduzindo essa matéria à realização de atividades agradáveis, de vistoso resultado e perseguindo um tipo de beleza vinculado a uma visualidade formal [...]" (HERNÁNDEZ, 2000, p. 87). O que se



reflete na forma de valorização da arte como campo de conhecimento formal, surgindo um abismo entre público – estudantes, professores ou pessoas que um dia passaram pela escola (senso comum) – e a arte, estando ela dentro ou fora dos ambientes escolares.

Cria-se uma visão errônea sobre as artes, tendo esta a necessidade de justificar-se por diversas vezes diante de sua importância e necessidade para nossa vida. De acordo com o Hernández

> Diferentemente do que acontece com matérias provenientes de campos disciplinares de reconhecida presença no currículo, as matérias artísticas necessitam sempre argumentar o porquê de sua inclusão no currículo escolar. Entre outras razões, porque continuam parecendo um campo de conhecimento pouco útil diante de outros de garantia comprovada para conformar os elementos ideológicos para os quais a escola contribui. (2000, p. 43).

Sua aplicabilidade não é percebida e tampouco reconhecida, necessitando a urgência de posicionamentos diferenciados dos educadores da área, sendo esta vista como o espelho de seus profissionais. A postura do professor perante aquilo que passa a ensinar e a maneira como aborda os objetos de estudo determinarão a atenção do aluno e o peso dado por ele para determinado conhecimento. Portanto, é preciso trazê-lo para dentro da sala de aula a medida que passa a explorar aquilo com que ele também pode contribuir, a partir de suas referências e vivências. Assim, Charréu (2015, p. 177) nos aponta a importância da abordagem das imagens cotidianas pela disciplina, dizendo que

> Explorá-las nas suas dimensões pedagógicas parece-nos ser uma inevitabilidade e, ao mesmo tempo, (deveria ser) uma exigência da educação contemporânea, em que os jovens procuram construir significados não só para a miríade de imagens que lhes assaltam todos os dias, mas, principalmente, para lhes sustentar os seus processos de subjetivação. E isto deveria ser um dos objetos educativos mais relevantes na escola de hoje [...]

Quando percebemos isso, passamos também a compreender como as imagens, as visualidades do dia a dia, a cultura visual passam a incidir sobre nossos alunos, criando hábitos de vestuário, de gostos, que, muitas vezes, não são os seus, mas sim hábitos que lhes são impostos por percepções acerca de seu cotidiano. Hernández evidencia o posicionamento de Charréu sobre a importância das artes para os estudantes ao falar que a atividade vinculada ao conhecimento artístico não

só potencializa habilidades manuais, como expande a mente e, "[...] sobretudo, delineia e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo." (2000, p. 42). Desta forma, o aluno se torna capaz de significar o mundo e interpretá-lo da sua maneira, assumindo posições autênticas e relevantes para si, por meio das artes e do conhecimento construído com e a partir dela, tendo como base seu repertório imagético e cultural, tornando o ensino de arte um agregador e problematizador de experiências culturais/estéticas (CUNHA, 2012).

Uma das formas pelas quais pode valer a tentativa de aproximação entre aluno e o mundo das artes, talvez seja a presença em sala de aula daquilo que passe a extrapolar os muros da escola e os conteúdos referidos à disciplina. Abordagens que passem a explorar não só objetos tidos como artísticos, pinturas, esculturas e obras de arte sacralizadas como tal, que pouco podem atrair os estudantes, mas sim dar ênfase ao repertório de imagens pessoais, que atraem visualmente os alunos e o efeito que estas passam a exercer sobre nós, pensando-as criticamente. Contudo, esta se torna uma abordagem pouco adotada por professores da atualidade, como nos afirma CUNHA (2012), ao falar sobre os efeitos das imagens, o modo como estas são capazes de criar significações, valores e pontos de vista, mas que também passam a ser abandonadas, ou pouco abordadas, em sala de aula quando uma de suas maiores preocupações deveria ser a discussão sobre os efeitos das visualidades e seu poder de produzir verdades, principalmente se falando do ensino de arte atual.

Lampert (2015, p. 250) nos alerta quando aponta que é preciso tomar cuidado com a forma como as imagens serão levadas para a sala de aula, sendo necessário "[...] tecer propostas críticas sobre essas imagens e objetos, que passem por conceitos, perguntas e argumentos. Assim, poderá proporcionar algum tipo de mudança ou questionamentos ou inquietação aos seus estudantes." Não basta apenas as imagens do cotidiano serem trabalhadas em comunhão com imagens das artes, elas precisam ser propulsoras de inquietações para que gerem outras mais a partir do pensar sobre o cotidiano do sujeito contemporâneo.

A cultura infantil e juvenil produz e é produzida em meio ao emaranhado de imagens que passam a formular conhecimento a partir e para além delas próprias. O



acesso que se tem a imagens do cotidiano passa a ser superior ao contato com produções artísticas na contemporaneidade, em que a própria arte contemporânea traz diversas implicações com

> [...] outros efeitos e posicionamentos, como afastamento, repulsa, acolhimento, nojo, culpa, compaixão, entre outros sentimentos e pensamentos. Deste modo, a Arte Contemporânea, propositora de instabilidades de várias ordens, é difícil de ser apreendida, entendida e incorporada como Arte pela maioria das pessoas [...]. (CUNHA, 2012, p. 104-105).

Mesmo que esta busque referência para criação também no cotidiano e passe a trabalhar com visualidades, o apresentado de forma não tão explícita. A importância de estudos sobre as imagens torna-se indispensável, pois, por meio delas, nos aproximaremos da arte contemporânea com maior propriedade, reformulando nossos modos de vê-la, percebê-la e reconhecê-la como arte. Além disso, não podermos negar a importância das imagens para a produção de sentidos. Cunha (2012) nos fala sobre a realidade em que se encontram nossos alunos, quando diz que tanto os jovens como as crianças da atualidade nasceram e vivem em um tempo em que o conhecimento, crenças e valores são estabelecidos por representações visuais. Por este motivo, não se pode simplesmente fechar os olhos para o que acontece ao nosso redor e à relevância que é atribuída a estes acontecimentos, mesmo sem que percebamos isso. Esta relevância precisa ser pauta na escola atual com uma nova reformulação do currículo, principalmente das artes, expandindo-o.

> Esperamos que a escola seja um espaço de criação de percepções, instauradora de sentido sobre o cotidiano – território propício à cultura visual. Cabendo ao professor de Artes Visuais ter um planejamento pautado em questões que poderão configurar identidades/subjetividades/dês-subjetividades em contextos oriundos de imagens, e assim definir metanarrativas visuais como discursos em que o poder emite através da linguagem e entendendo a reflexão de um olhar crítico do sujeito. (LAMPERT, 2015, p. 248).

Quando existe aproximação entre objeto de estudo e estudantes, os discursos instaurados por meio das imagens/visualidades passam a ser analisados criando-se discursos autônomos e embasados em pensamento crítico e reflexivo sobre a



realidade, o que possibilitará uma aproximação maior entre as artes - em especial a arte contemporânea -, seu ensino e, consequentemente, sua valorização.

Priorizando o conhecimento trazido por cada estudante, podemos enxergar uma 'luz no fim do túnel', já que "[...] conhecimentos sobre Arte são necessários e importantes, mas eles não deveriam ser colocados como um conhecimento dotado de uma superioridade em relação aos outros e em particular àqueles que as crianças trazem." (CUNHA, 2012, p. 110). Deixando que a experiência e vivência trazidas pelo aluno guiem os caminhos trilhados pelo professor em sala de aula, somente desta maneira o ensino se tornará enriquecedor, em qualquer área ou campo de estudo, não somente o das artes.

Trabalhando e adentrando o campo da cultura visual, potencializaremos a aprendizagem com questionamentos e reflexões, ao invés de manter o conformismo e aceitação. Nossos alunos se tornarão críticos e sentirão segurança em analisar produtos de seu cotidiano, se reconhecendo naquilo que lhes é proposto, sendo "[...] preciso mergulhar num mundo de significados anteriores à própria imagem, entender o campo ético-estético e político que a cerca, suas implicações em nossos cotidianos, que valores e sentimentos incitam determinados comportamentos[...]" (MEIRA; SILVA, 2013, p. 44), para que se possa compreender a cultura visual e sua influência sobre todos nós, a formação e propagação de saberes tidos como verdades, sejam elas relacionadas às artes ou não. Isso acaba exigindo dos profissionais que passam a trabalhar, de qualquer modo, com as imagens, um amplo conhecimento de mundo, estando sempre percebendo e refletindo sobre os aspectos sociais para que sejam capazes de trazer para seu trabalho a influência que as imagens exercem em cada um de nós, de formas distintas e singulares.

> Trata-se, então, de um trabalho educativo melhor e mais compromissado de educadores e educadoras, escolas e estudantes, comunidade e sociedade. [...] Uma cultura escolar que crie novos assentos e substitua aqueles tradicionais (que nem sempre são mais cômodos) e nos obrigue a reinventar novos tempos para outras posições de sujeitos, lugares que nos estimulem a mudar nossos pontos de vista sobre sexismo, machismo, racismo, homofobia etc. uma cultura escolar que forneça espaços de empoderamento para identidades e vozes que foram historicamente silenciadas pelos discursos hegemônicos. (PEREIRA, 2010, p. 225)



É preciso preparar o terreno para que esta ideia possa se tornar uma proposta fértil e sadia, sendo necessária uma mudança de todo um sistema de poderes. Se for preciso que educadores mudem, é preciso também que escolas e estudantes acompanhem esta mudança, bem como a comunidade e sociedade em um geral, estando abertos a propostas diferenciadas, participando ativamente de todo este processo, com postura ativa ao invés de passiva, agindo e reagindo perante o que lhe é imposto como certo e bom.

Pontos a refletir

Temos a certeza de que as imagens nos cercam a todo instante, em todos os lugares a que vamos estamos expostos a elas, sem que ao menos percebamos. Deste modo, e de maneira inevitável, somos constituídos por modos de pensar e agir que moldam nossa identidade e vinculam-se a nossas práticas culturais, criando verdades absolutas e inquestionáveis. Aceitamos o fato de, com o mundo globalizado, termos nossa identidade formada por inúmeras visualidades, que nos abarcam o tempo todo, sem ao menos refletirmos sobre a força que estas exercem sobre nós.

Estereótipos são criados o tempo todo e adentram os mais variados campos e, se tratando do campo das artes, talvez estes sejam um dos maiores desafios contemporâneos, já que esta área sofre com a influência de imposições presentes em nosso cotidiano há muitos anos e que, na cabeça de muitas pessoas, ainda são ideias sacralizadas como tal, seja em ambientes escores ou fora deles, como pôde ser percebido nas duas pesquisas realizadas anteriores a esta e citadas por esta escrita. Diversos modos de perceber e ver a arte são colocados diante de nós diariamente, mas pensamentos sacralizados com relação a ela ainda persistem na atualidade, atingindo um grande número de pessoas, as quais ligam as práticas artísticas ao fazer manual e/ou àquilo que lhes agrada fisicamente.

É fato que passa a ser necessário um bom preparo e conhecimento de mundo para que se possa agir perante a transformação e formação de maneiras de ver e perceber a realidade de forma diferenciada, desviando daquilo que passou a ser convencionado e estabelecido como certo e errado, criando e percebendo outros

modos de agir e reagir perante imposições do cotidiano. A escola passa, então, a ter papel fundamental para esta mudança, potencializando as percepções acerca da cultura visual por meio do ensino de arte, já que [...] as artes visuais, para a criação de suas representações, mostram-se cada vez mais (de)pendentes da cultura dos meios de comunicação e das formas de visualidade geradas na vida cotidiana (HÉRNANDEZ, 2007, p. 34), tratando como urgentes estes assuntos em sala de aula, não única e exclusivamente nas aulas de arte, mas se tornando elas a maior responsável pelo 'pontapé inicial'. Porém, para que esta realidade se torne possível, é necessário que professores passem a ampliar seus olhares e metodologias, percebendo para além dos conceitos sacralizados, trazendo-os para as aulas em consonância com a atualidade, o cotidiano de seus alunos e as imagens da cultura de massa, que tanto se aproximam deles, sendo capazes de formar gostos, maneiras de vestir, de pensar, se relacionar, formando sua identidade e agindo diretamente na sua subjetividade.

Assim, com esta pesquisa, foi possível perceber a necessidade de se reformular concepções de currículo e de ensino, em que a escola mostre-se como potencializadora e influenciadora de mudanças. Nela devem-se colocar em pauta os saberes que não estão prontos, mas que se formulam nas inter-relações entre o contexto trabalhado e o contexto vivido, levando os estudantes para direções escolhidas por eles a partir da investigação do caminho percorrido, apontando possibilidades e não direções. Saberes que devem vir a partir das vivências e experiências de cada um, problematizando-os em conjunto com produtos da arte, mas também com produtos de nosso cotidiano, a fim de emancipar o pensamento. Afinal, Jacques Ranciére já dizia, em seu livro O espectador emancipado, que "Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo o ensino deve se fundar." (2002, p. 11). É preciso ensinar a caçar, ao invés de oferecer o alimento pronto. É preciso ensinar a pensar, a refletir sobre as questões que nos abarcam, que nos movem e inquietam, ao invés de aceitar, entregar e receber conceitos e ideias prontas.

Por mais difícil que esta atitude pareça – e é mesmo – são iniciativas que partam daquilo que passa a ser representativo a mim, que passa a me tocar de alguma maneira, que farão sentido. Experiências com as quais se passa a identificar



é que se mostrarão válidas durante a caminhada, chamando e prendendo a atenção. Assim, o ensino de arte – e as artes no geral - vivem um período movediço, no qual sua valorização e reconhecimento passam a depender daquilo que lhes identificará. É fato que o currículo das escolas – e disciplinas – necessita ser flexibilizado, mas, antes disso, é preciso que os educadores se conscientizem de seu 'poder' perante o ato de ensinar e entendam a importância de suas escolhas metodológicas, já que são elas que marcarão seus alunos. A reflexão sobre ideias preconcebidas e a quebra de estereótipos artísticos dependem do caminho que o educador decidirá seguir, levando à transformação ou ao comodismo.

Com relação ao campo das artes, muitas posturas comodistas de educadores abriram espaço para que estereótipos artísticos se formassem, influenciando a relação do senso comum com as artes. Muitas são as pessoas, ainda hoje, que têm ou tiveram o contato com as artes restrito aos espaços escolares, onde professores não as potencializam e, tampouco, relacionam tais imagens com o cotidiano, tornando o que lhes é proposto insignificante e as imagens, tidas como artísticas, algo sem sentido algum. É preciso traçar caminhos que passem a relacionar as imagens artísticas com aquelas que advêm de nosso cotidiano, pois são elas as referências mais fortes que carregamos conosco durante toda a vida e com que permaneceremos em contato constante. O contato com as artes pode se resumir a um espaço – escola, museus, galerias, exposições, etc. -, para muitas pessoas, por isso é preciso saber interpretar aquilo que as imagens do cotidiano nos impõem, pelo meio do qual trabalha a cultura visual e as visualidades. Mas somente com a abordagem destes aspectos durante o período escolar, não única e exclusivamente pela disciplina de arte, se tornarão possíveis a desconstrução e reconstrução de olhares, modos de ver, pensar e agir, para que estes se tornem autônomos.

Referências:

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea:* uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 168p.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de*



Educação, Caxambu – MG, v.11, n. 31, p. 7-18, jan./abr. 2006.

CHARRÉU, Leonardo. Sobre a necessidade permanente de (re)definir um campo de estudo quando nos referimos à cultura visual sob uma perspectiva pedagógica. In.: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). Arte, educação e cultura. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 165 – 180p.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In.: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.*). Culturas das imagens*: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. UFSM, 2012. 99-123p.

ECO, UMBERTO (Org.*). História da beleza.* Rio de Janeiro: Record, 2004. 438 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura Visual:* proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007. 127p.

_____. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: ArTmed 2000. xiii, 261 p.

LAMPERT, Jociele. O ensino de arte em espaços silenciosos da cultura visual. In.: Oliveira, Marilda de Oliveira (Org.). Arte, educação e cultura. 2 ed. Ver. E ampl. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2015. 366p.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. *Pesquisa narrativa*: experiência e história em pesquisa qualitativa. Cuiabá, v.47, set/dez, 2012. 663-667p.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Culturas da infância e da imagem "aconteceu um fato grave, um incidente global". In.: _____. *Cultura visual e infância:* quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. 37-55p.

MEIRA, Mirela Ribeiro; SILVA, Ursula Rosa da. Cultura visual, ensino da arte e cotidiano: hibridismos e paradoxos. *Visualidades,* Goiânia, v.11 n.2, p. 37-57, jul./dez. 2013.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. Estereótipos desenhados, identidades projetadas. In.: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Cultura visual e infância:* quando as imagens invadem a escola. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. 209-226p.

RANCIÉRE, Jacques. *O mestre ignorante:* cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2002. 143 p.

SCHMIDLIN, Elaine. *Isto é arte?* São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006 (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor).

ZANELLA, Andréa Vieira. *Perguntar, registrar, escrever:* inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2013.

WIGGERS, Halbertina Roecker; FELDHAUS, Marcelo. Cotidiano e visualidades: quando as imagens invadem a escola. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.63-80, ano 18, nº 36, julho/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>
18 de dezembro de 2018.